O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 41.º — N.º 2076

Sábado, 25 de Dezembro de 1948

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Boas-Festas

Desejamo-las nesta época do Natal assim como um Novo Ano de paz e de abundância, aos nossos assinantes, correspondentes e anunciantes, a todos, enfim, quantos connosco colaboram, sem esquecer os ausentes e que longe das suas famílias e do nosso convívio, as melhores provas de solidariedade nos teem dado, interessando-se pela vida de «O Democrata».

Bôa sorte. Felicidades. E a melhor saúde.

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

Deve efectuar-se no proximo ano em que o Sr. Marechal Óscar Carmona acaba o seu mandato, tendo, por isso, o sr. General Norton de Matos apresentado a sua candidatura aqui há uns dois meses, que o Supremo Tribunal de Justiça, reunido em sessão plenária, aprovou por unanimidade.

O sr. General Norton de Matos é, para todos os efeitos, o candidato do Movimento de Unidade Democrática, conhecido pelo *M. U. D.*, que combate a actual Situação, nascida do **28 de Maio de 1926**, que a parte sã do país aplaudiu com o maior entusiasmo e se tem afastado por normas diferentes daquelas a que estivemos sujeitos durante largo espaço de tempo, desprestigiando o país e quase o metendo no fundo.

Por sua vez a Comissão Central da União Nacional, sob a presidência do sr. doutor Oliveira Salazar, acaba de reunir e, tendo deliberado apresentar ao sufrágio o nome do Sr. Marechal Carmona, para continuar à frente dos nossos destinos, obteve dele esse consentimento e com isso, supomos, só lucrará a nação, continuando a viver em paz.

Mesmo para evitar que o sr. Cunha Leal diga, como foi ouvido no Parlamento, em Fevereiro de 1926, referindo-se aos políticos de então, que o país tinha por todos eles **o mais absoluto desprezo.**

O TEMPO

Chegou o Inverno! Apresentou-se áspero, ríspido e carrancudo depois de três dias de sol, mas frios. Teremos, pois, de suportar essa Estação do ano com mais ou menos agasalhos, com mais ou menos impermiáveis por que foi para isso que se inventaram e estão expostos à venda.

Tivemos um prolongado Verão de S. Martinho. Não é de estranhar, portanto, que o paguemos bem pago.

Da vida que passa

Deixou de existir, na capital, com 88 anos, o sr. coronel Alexandre Mourão, muito conhecido pelas suas convicções republicanas, que vinham de longe.

Distinguiu-se em várias comissões de serviço, mas onde a sua acção mais se tornou notada foi a quando das incursões monárquicas no norte do país em que se evidenciou, desempenhando um papel importante na defesa da República.

E' portanto, de menos um dos seus valorosos soldados com que as fileiras ficam a contar.

Castiguem-se!

Como já aqui dissémos, muitas pessoas que teem automóvel costumam, com suas famílias, ir assistir às sessões de cinema a Ilhavo, em virtude das obras de reconstrução do Teatro Aveirense não estarem concluídas e o Cine-Teatro Avenida não ter sido ainda inaugurado.

Até aqui tudo muito bem; mas o que não faz sentido é que certa gente daquela vila se *entretenha* a danificar os carros que ali estacionam, causando prejuizos sem conta, como está acontecendo.

A's autoridades compete tomar providências, castigando os vândalos.

Exposição de Obras Públicas

Estão muito adeantados os trabalhos em curso, no Palácio de Cristal, no Porto, onde se vai efectuar e que decerto deve causar a admiração do povo nortenho.

A sua inauguração terá lugar nos primeiros dias de Janeiro.

Não pode ser!

Recebemos de Castelo Branco esta carta:

C. Branco, 20 de Dezembro de 1948

Meu bom amigo e sr.
Arnaldo Ribeiro:

Os meus cumprimentos e o desejo de boa saúde e Boas-Festas.

Agradeço-lhe que apresente aí a reclamação nos Correios acerca da devolução do recibo que para aqui enviou e que foi devolvido com a nota de *desconhecido;* de contrário terei eu de a apresentar aqui. *Não pode ser*, diz o meu amigo no seu jornal e eu daqui direi o mesmo: não pode ser que o zeloso empregado dos Correios assim tenha procedido porque—note bem—a Central dos Correios fica em frente do edificio do Banco Ultramarino.aqui,em Castelo Branco e nada me foi apresentado.

Não quero de forma alguma deixar de pagar a minha assinatura porque muito estimo e admiro o seu jornal não só pelo seu Director, por quem tenho a maior consideração e estima também, bastando para isso o interesse que lhe merecem ás coisas de Aveiro, terra que me serviu de berço, defendendo a acima de tudo e de todos com o calor do mais dedicado aveirense, como tambèm não quero deixar de ser seu assinante, o que faço já há longos anos. Desculpe esta massada para o que em nada contribuí.

Para evitar mais despesas muito lhe agradeço que me mande dizer quanto devo mandar para de tudo fazer a liquidação.

Um grande abraço do seu

Velho amigo
JOSÉ DE MORAIS SARMENTO

Reconhecidos pelas amáveis palavras contidas na carta acima, devemos dizer que o caso que se deu com o recibo enviado à cobrança pela Administração do jornal deve ter chegado ao conhecimento do sr. Director do Correio de Castelo Branco visto para esse fim o jornal lhe ter sido endereçado. A culpa foi do cobrador de aí, que não fez o serviço como devia e é do regulamento. Ora pagar o que agora se paga e ser mal servido, não está certo pelo que solicitamos do sr. José de Morais Sarmento a fineza de se avistar na repartição dos Correios com quem de direito, pedindo providências.

AUXILIO URGENTE

Para a subscrição aberta com o fim de adquirir *estreptomicina* destinada a uma doente da Rua das Tomásias, 11, mãe de três filhos menores e sem recursos, recebemos mais:

Transporte . .	395$00
D. Emília Madail (Verdemilho)	100$00
Do mealheiro dos nossos pobres, mais	50$00
Soma	545$00

Atendendo a que a doente precisa de não interromper o tratamento que lhe está indicado e com o qual algumas melhoras tem obtido, vimos solicitar encarecidamente dos nossos leitores o que lhes fôr possível para a infeliz com a certeza de um grande bem que praticam.

BALANÇO DE FIM DE ANO

Para os devidos efeitos desejamos que fique registado neste número os maus tratos do Parque sofridos com o seu desbaste, o desaparecimento da rua principal do Jardim de Santo António, a mutilação de parte do buxo no cemitério central e o corte do arvoredo da Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

Isto cá por causa duma coisa.

QUANDO COMEÇARÃO AS OBRAS?

Como é sabido, o nosso colega *Correio do Vouga*, trouxe na primeira página do seu número de 27 de Novembro, o seguinte:

A' Câmara Municipal

Em referência à local publicada no último número de o Correio do Vouga, com o título acima, informa-se que a Câmara, em sua reunião de vinte e dois do corrente, deliberou intimar os proprietários que foram autorizados a cortar o lancil do passeio, a tornar esses cortes mais suaves e sem perigo para os transeuntes.

A CAMARA

A' vista do exposto, há aqui dois casos a ponderar: ou a Câmara ainda não intimou os proprietários que foram autorizados a cortar o lancil do passeio a tornar esses cortes mais suaves e sem perigo para os transeuntes, ou os proprietários não fizeram caso da intimação da Câmara, pois já passou um mez sobre a deliberação, que o *Correio* agradeceu, sem nada ainda se ter cumprido.

Porquê? A estranheza do que se passa é manifesta e à roda dela fazem os munícipes considerações inadmissíveis, comentários intoleráveis, que colocam mal a edilidade, desprestigiando-a.

Havemos de concordar que a posição em que a Câmara se colocou perante o público, admitindo o perigo para ele do corte dos lancis, não está em concordância com a resolução tomada nem deve ser por isso adiada por mais tempo, tantos têm sido já os desastres provocados desde a primeira hora em que foram permitidos semelhantes cortes.

Pois não é assim?

Benemerência

Para os pobres que este jornal costuma socorrer, recebemos da sr.ª D. Emília Pinto Madail, esposa do nosso presado amigo António Madail, a quantia de 100$00 que, com outras importâncias que tinhamos amealhadas, estão agora a ser distribuidos.

Manifestamos-lhe o nosso reconhecimento por nesta quadra do ano se não ter esquecido, também, dos necessitados.

* * *

Com o pagamento da assinatura do jornal, efectuado, quarta-feira, na Redacção e referente ao ano de 1949, deixou-nos também 20$00 para os pobres, o nosso amigo, sr. João de Oliveira Frade, professor jubilado, residente nesta cidade.

Gratos.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

AS NOVAS TAXAS DOS C. T. T. E OS JORNAIS DA PROVÍNCIA

Como resolver a crise que todos atravessam?

Sobre este assunto e de harmonia com a alusão que lhe fizemos, transcrevemos da *Gazeta do Sul*, do Montijo:

Conforme é do conhecimento publico, pelo noticiário desenvolvido que a grande Imprensa lhe dedicou e por experiência de todos quantos têm de utilizar os serviços dos correios, entraram já há dias em vigor as novas taxas dos C. T. T., que representam, em relação às anteriores, um agravamento que varia entre 100 e 200 %

Justificam os C. T. T. este aumento pela necessidade de equilibrarem as suas despesas e nós não temos que pôr em dúvida as suas afirmações. Sòmente nos permitimos salientar que aumentos desta natureza em nada contribuem para o bom exito da política de fazer baixar o custo da vida e regressar às condições económicas anteriores à guerra, em que o Governo português tão empenhado se tem mostrado. Parecendo insignificante, se analisado taxa por taxa, este aumento vai afectar e grandemente, desde o indivíduo mais humilde que tem necessidade de corresponder-se e gastará agora, só de franquia, por cada carta que escrever, 1$00 (o que até há pouco custava $50 e em 1041 só cuatava $40) até às grandes empresas onde o agravamento vai importar em muitas desenas de contos.

Muito especialmente, vai sofrer e não pouco a classe dos editores e livreiros, já a braços com uma grave crise para a qual anda a solicitar auxílio.

Pela nossa parte, como jornal que nos serviços dos correios tem baseada a sua organisação, o problema criado pela recente alteração de taxas prejudica-nos muito sériamente e põe em risco todo o nosso equilíbrio económico. A *Gazeta* é um jornal que se vende apenas por assinatura e que faz as suas cobranças por intermédio dos correios, para todo o País, à excepção de Lisboa, Almada e Montijo, onde desde 1941 e por motivo do agravamento de taxas nessa altura feito, passou a usar o sistema de cobrador. O nosso público não é um público endinheirado e por esse motivo usamos cobrar recibos de 10$00, importância que está mais ou menos ao alcance de todas as bolsas. Ora um recibo de 10$00, isolado, faz hoje a seguinte despesa: 1$70 do título de cobrança; $40 da taxa de apresentação e mais 1$10 de prémio de cobrança. Total: 3$20, o que representa um encargo de 32 % absolutamente incomportável na vida dum jornal. Acresce ainda a circunstância de que os recibos nem sempre voltam cobrados e nestes casos teremos uma despesa de 2$10, inùtilmente feita.

Isto é de facto muito sério e vai obrigar-nos a uma total revisão dos nossos serviços, se não quisermos sossobrar.

O custo do jornal está fixado de há anos em 1$00 por cada exemplar e não podemos nem queremos pensar em aumentá-lo. Desde que o fixamos em 1$00 têm continuado a aumentar o preço do papel, o das tintas e o de tudo o mais que entra na confecção dum jornal. O equilíbrio tem sido mantido, mercê de várias medidas tomadas, como a de mon-montagem de máquinas mais rápidas, redução de páginas, etc.

Para estes novos encargos, que vão afectar o custo da cobrança, os serviços de correspondência e até as despesas que fazemos com os nossos concursos (encargos que para nós representam algumas dezenas de contos) é que não temos recurso algum, a não ser que alteremos profundamente o sistema de cobrança até aqui usado.

E para já e para que este jornal possa substituir e continuar a sua missão, pedimos a todos os nossos assinantes e amigos: ou que nos autorizem a cobrar séries de 20 números em vez de 10 (pois a despesa é a mesma com um recibo de 10$00 ou com um de 20$00) e nos autorizem ainda a acrescer as despesas de cobrança sempre que um recibo não seja pago e tenha de voltar segunda vez à cobrança; ou que nos mandem directamente o dinheiro, embora descontando, se assim o entenderem, a despesa a fazer com essa remessa, quer seja o selo da carta, quer o prémio do vale de correio.

Só assim poderemos fazer face a mais esta dificuldade agora criada e prosseguir sem transtornos até que novos encargos surjam...

Por sua vez, outro colega, o *Jornal de Sintra*, escreve:

Estávamos precisamente com o pensamento neste assunto e, sobre ele, dispostos a escrever um artigo,quando deparámos com o desabafo justo e humano do nosso camarada do Montijo. Logo resolvemos transcrever o que acaba de lêr-se—sem lhe alterarmos uma vírgula, visto que a doutrina parece basear-se em factos, aliás bem duros, passados cá por casa.

Excepção feita ao preço da *Gazeta do Sul*—que é de 10$00 por séries de 10 exemplares, quando o nosso é de 7$00, incluindo nestes 7$00 as despesas de correio—tudo o mais que o grito de alma do nosso prezado camarada do Sul contém se coaduna perfeitamente ao que nos vai no pensamento. As ponderosas razões acima expostas ajustam-se não só às razões do *Jornal de Sintra*, mas às de todos os jornais portugueses que procuram através de milhentas dificuldades e de tremendos sacrifícios, servir a causa da Província e da Nação.

Entendemos que agora, mais do que nunca, é chegada a hora de todos os jornais da Província—que aliás somam uma enorme e elevada força de acção, de esforço, de paixão, de ordem, de disciplina, de princípio construtivo, de bairrismo e de sacrifício da parte dos seus mentores—se reunirem num grande congresso, assentarem em bases e dirigirem-se ao Governo da Nação, pedindo-lhe protecção e justiça.

Estamos lados muito dispersos e muito separados. E esse é o nosso maior mal. Somos, portanto, os únicos culpados da grave crise por que estamos a passar. Por comodismo de uns, por negligência de outros, por indiferentismo de muitos, o certo é que a Imprensa Regionalista Portuguesa já de ha muito devia ter—mas ainda não tem—o seu Grémio, dentro de cujos estatutos estariam as bases que natural e justamente tratariam de pugnar e defender as nossas legítimas reivindicações.

O Governo Nacional, desde que nós todos, devidamente preparados e organizados, lhe pedissemos o indispensável patrocínio à nossa causa, temos a certeza de que lhe não negaria o seu alto e imprescindível apoio. Porque, fazendo-o, lògicamente que acarinharia uma causa de sacrificados servidores da Nação que pretende, que precisa e merece continuar a viver...

...servindo os sagrados interesses da Província, servindo os elevados destinos nacionais e pugnando, em sintese, pela instrução e pela cultura do nosso povo.

Apelamos, pois, para a boa vontade dos directores dos jornais da Província, no sentido de se fazerem eco desta sugestão (que aliás não é nossa, mas pertence a todos)—e mãos à obra.

Vamos preparar o nosso Congresso, quanto antes?

No Porto? Em Coimbra? Em Lisboa?

Sugestões? Que venham a lume, nos respectivos jornais, as sugestões dos seus directores e nossos muito prezados colegas.

Se se pàra—morre-se. E se não morre, vegeta-se e estagna-se. Ora a grande força dos jornais da Província—que somam umas boas centenas—longe de continuar a sofrer os dolorosos embates que a afectam e a atrofiam lentamente, torturante, é preciso que seja acarinhada e revigorada—para que continue a viver porventura com muitos sacrifícios, sim, mas nunca com aquelas dificuldades com que presentemente luta, desde a escassez e carestia das matérias primas, mão de obra, etc., até às novas tarifas dos Correios, recentemente postas em vigor e que representam uma das maiores barreiras impostas a quem procura, pelo

"O DEMOCRATA,,

Este jornal não se publica na próxima semana, destinada a pôr em ordem os serviços da administração assim como outros assuntos que lhe dizem respeito e não podem ser adiados por mais tempo dada a urgência de os resolver imediatamente. Sairá, pois, só no dia 8 de Janeiro de 1949 o primeiro número do Ano Novo, que esperamos a Providência bafeje, vindo ao encontro das nossas esperanças.

"El GORDO,,

Andou a roda em Espanha, tendo saído o primeiro prémio ao n.º 26.664.

Quem vinha comprando este número há dez anos era o poeta Conrado Branco, que agora desistiu, lhe virou as costas por *estar cansado dele!*

Ora toma!

Fraco *valiente!...*

A manteiga

Ainda não apareceu à venda, apesar de se dizer que a distribuição deste produto ia ser feita por intermédio da Delegação dos Abastecimentos.

E nesta quadra do ano é que mais se faz sentir a sua falta.

Atenção para a 4.ª página

trabalho, bem servir a Nação e tem direito a viver.

Jornalistas da Imprensa Regionalista Portuguesa: E' chegada a hora de agirmos. Através dos nossas arautos da ordem e sem atacarmos ninguém, seja ele quem fôr, é preciso que defendamos as nossas obras e os nossos sacrifícios de muitos anos de canseiras e de trabalho honesto —falando claro ao Govérno e pedindo-lhe carinhoso acolhimento às nossas razões. Pedindo-lhe para elas, aquela justiça que o Govêrno da Nação por certo lhe não negará, mas antes reconhecerá. Para isso torna-se imprescindível que reunamos, prèviamente, estabelrçamos um programa, assentemos em bases—e tomemos o caminho do Terreiro do Paço, cujas portas nunca se fecharam aos elementos do trabalho e da ordem.

Mãos à obra, pois!

Sim, mãos à obra. Estamos de acordo com o sr. António Medina Júnior porque, de contrário, não sabemos onde iremos parar com as elevadas despesas que impendem sobre os jornais.

Esclarecemos, nesta altura, que a *Gazeta do Sul*, fica, por ano, à razão, de 50$00 e o *Jornal de Sintra*, a 35$00. *O Democrata* é dos mais baratos: custa 30$00, por onde os nossos assinantes podem avaliar dos sacrifícios que temos feito para equilibrar as suas finanças, visto assim estar fixado há anos e, como a *Gazeta do Sul*, não pensarmos em aumenta-lo.

Iremos, pois, para uma reunião, para um congresso, já várias vezes tentado, mas outras tantas sem êxito, se assim o entenderem e houver quem apareça, tomando a iniciativa. Deve ser no centro do país, para mais facilidade dos concorrentes—em Coimbra, por exemplo—e não há-de demorar. Façam a chamada, pois, que o *Democrata* comparecerá à hora marcada, pondo apenas como condição: deixar à porta da rua tudo que não seja a defesa pura e simples dos nossos interesses.

Se assim fôr, aqui nos teem.

Iluminação pública

Há semanas já que a Rua Gustavo F. Pinto Basto se encontra quase completamente às escuras, sucedendo, por vezes, faltar também a luz em algumas casas daquela zona o que se não justifica, assim como os *soluços* de que é atacada, todos os dias, por volta das 18 horas.

O que se passa naquela artéria não sabemos a que atribuir e quem superintende nos Serviços Municipalizados não se dignou ainda remediar o mal, mandando reparar a avaria se é de avaria que se trata.

Isto em pleno coração da cidade, para não dizer que toda a cidade se queixa em virtude do clamor ser geral.

Descongestionando o trânsito

Por vezes deparamos em algumas artérias de certo movimento, como a Avenida Dr. Lourenço Peixinho, Rua de Viana do Castelo, etc., com veículos pesados que, estacionando longo tempo, não só prejudicam o trânsito como chegam a tirar a vista aos estabelecimentos, como é frequente acontecer.

Parece-nos que não seria difícil evitar, em parte, o que apontamos, se a polícia tivesse instruções nesse sentido, de forma a indicar aos condutores desses carros, locais mais apropriados ao seu estacionamento.

Isto, em nosso entender, era uma medida que podia e devia ser posta em execução.

Calendários-brindes

Recebemos dois, de parede, da *Chapelaria Costa*, que são um bom reclame aos afamados chapeus e bonets daquele estabelecimento da Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

Ao seu proprietário, sr. Luís G. da Costa, os nossos agradecimentos.

Atenção para a 4.ª página

Além túmulo

Beja da Silva

Volvidos 23 anos sôbre a tragédia que lhe roubou a vida—um duelo à espada—ainda é lembrado nesta casa onde só contava dedicações, o devotado republicano, ao tempo vereador da Câmara de Lisboa.

A' sua memória estas linhas de homenagem, visto *O Democrata* não esquecer os seus amigos e cooperadores, como o malogrado Beja da Silva.

O ensino liceal

Continua a ser discutido na imprensa, tudo levando a crer que se caminha para mais uma reforma, que alivie, desta vez, as crianças do peso em que vivem, não tendo um minuto livre das suas ocupações obrigatórias.

Oxalá assim aconteça e o caso seja tratado com a devida ponderação, atendendo aos muitos benefícios que daí podem resultar e a lógica deixa transparecer.

Entrega de Ramos

Quando nos lembra a alegria desta terra—desta Aveiro ao aproximar-se o Natal! Quando nos lembram os preparativos, o movimento que aqui ia e o interesse que despertavam as tradicionais *entrega dos ramos!* Quando nos lebram esses dias festivos que se prolongavam até aos Reis, com musica de dia e de noite, o estralejar constante de foguetes, não como os usados nas festas de agora, de eucomodativo estrondo—que saudades nós temos do passado!

O Natal em Aveiro era alguma coisa de extraordinàriamente grande. Para as crianças, para os adultos e para os velhos—inclusivamente.

Todos nele compartilhavam com desvanecimento; e a solidariedade humana manifestava-se tão sinceramente que entre os abraços amigos chegavam a correr lágrimas por representarem um élo indestrutível para toda a vida.

Bons tempos!

Que recordamos nesta meia dúzia de linhas ao correr da pena e que nem um foguete, sequer, veio alterar o seu ritmo, o seu deslizar sobre o papel...

RECORDANDO

Realizou-se no último sábado a habitual romagem à campa de José Meireles, que há três anos deixou o mundo, tendo tomado parte alguns amigos que a cobriram de flores.

A propósito deste aniversário, a *Bola*, bi-semanário desportivo da capital, publica lhe o retrato e fez uma larga referência ao seu merecimento, o que é para louvar nos tempos que correm.

E' que de tudo é merecedor o saudoso José Meireles.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro

Para agradecer

A sr.ª D. Balbina Pereira Simões é uma assinante antiga de *O Democrata*, em Caneças, cuja cobrança é feita pela estação do correio de Odivelas, que fica distante e por isso fora de mão. Compreendeu, porém, a sr.ª D. Balbina Simões o transtorno causado por êsse facto ao jornal nesta hora de crise para a Imprensa da província a para lhe evitar despesas levou a sua generosidade ao ponto de, em vez de 30, pagar com 50$00 a respectiva assinatura, do que nos deu conta em carta com essa importância recebida.

Ficamos-lhe igualmente muito gratos ao incluí-la no número dos dedicados amigos desta folha, que, felizmente, os tem em toda a parte assim como ilimitado credito.

Livros

O sr. Norton de Matos e a sua Candidatura

Recebemos do seu autor, o sr. Costa Brochado, a 3.ª edição de um volume de 192 páginas, que deve ser muito curioso por aquilo que já nos foi dado ler por alto ao abrir as primeiras. Recomendâmo-lo. Nele se faz um pouco de história contemporanea, conhecida, portanto, de muita gente e como ilucidário do que foi a vida política desde a proclamação da República até ao 28 de Maio de 1926, merece a nossa aprovação pelas verdades que encerra e não haver forma de as destruir visto todos os depoimentos serem esmagadores.

Mas vejam para o que ainda estava guardado o sr. Norton de Matos!

Com 81 anos!

Se não era para ter uma velhice diferente da que lhe prepararam os que o foram buscar à tranquilidade do seu lar com o fim de estabelecerem a desordem em Portugal!

Devem estar, porém, enganados os que assim pensam.

O passado não pode ressuscitar.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o nosso presado amigo dr. Mário Duarte, consul de Portugal em Marselha (França) e a menina Natália de Oliveira Lemos, filha do sr. Abel de Lemos, ausente em Cassequel (Angola); amanhã, a sr.ª D. Celeste Freitas Fidalgo, esposa do comerciante sr. Benjamim Fidalgo, o sr. António Guimarães, e o filho Élio, do sr. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara Municipal; no dia 27, a sr.ª D. Maria Júlia de Oliveira e Silva, cunhada do sr. Artur Silva, inspector do Vale do Vouga, e o sr. Alberto Ferreira Barbosa; em 28, a sr.ª D. Isabel Marcos Vilela, professora no concelho de Castro Daire; os srs. Henrique Ramos, da Foto-Central, e tenente Joaquim de Matos, residente no Porto, Fernando J. da Rocha, ausente em Sá da Bandeira (Africa Ocidental) e o menino Nelson Mónica Modesto, filho do sr. Ernesto Freitas Modesto; em 29, a sr.ª D. Maria Isolina Rodrigues Leitão, esposa do nosso amigo dr. Humberto Leitão, esclarecido clinico, e o também nosso presado amigo dr. Joaquim de Azevedo e Castro, juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, e os srs. Joaquim António Vieira, funcionário da filial do Banco N. Ultramarino e Duarte Augusto Duarte; em 30, os srs. dr. Mário de Azevedo e Castro, médico nas Caldas da Rainha, José de Pinho Vinagre e Joaquim Coelho da Silva, ausente em Vila Pery (Africa Oriental; em 31, as sr.as D. Laura Mendes Leite de Almeida, esposa do sr. general João de Almeida e D. Barbara da Costa Crespo, residente na Batalha, e os srs. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria e José Marques Pitarma, industrial de panificação em Lisboa; em 1 de Janeiro, a sr.ª D. Júlia Seabra Cancela Duarte, esposa do sr. Severim Duarte; em 2, as sr.as D. Olinda Maria Soares e D. Carmen Seabra F. Neves, esposa do nosso amigo Severiano Ferreira Neves, ambos professores primários, o sr. dr. José Cristo, advogado na comarca, e o menino João José Picado da Naia, filho do sr. José Estevão da Naia, capitão da marinha mercante; em 3, as sr.as D. Ligia Patoilo Cruz, bibliotecária da Camara Municipal de Coimbra, e filha do sr. António Simões Cruz, e D. Maria Amélia de Melo Moreira, filha da sr.ª D. Ilda de Melo Moreira, da Casa Moreira, *e os srs. dr. Joaquim Henriques, hábil clinico, e Luís Rezende Génio de Lima, filho do sr. tenente Barata de Lima, comandante da Secção da Guarda Fiscal e o inocente Joaquim Manuel, filho do sr. Manuel Pedro Ferreira.*

Gente nova

Em Coimbra deu à luz um robusto pimpolho a esposa do nosso conterrâneo e amigo Armando Soares da Silva Afonso, ali residente.

Um futuro venturoso desejamos ao neófito.

Partidas e Chegadas

Tivemos, na quarta-feira, o grato prazer de abraçar o nosso amigo dr. António Vicente, considerado clinico em Bustos, que há muito não viamos.

—Também aqui estiveram os srs. Manuel Sobreiro, estudante universitário em Coimbra, Acurcio Maia de Albuquerque, professor em Oiã e Diamantino Simões Jorge, da Taipa, assim como o nosso conterrâneo João Ferreira Félix, negociante na Gafanha da Encarnação.

Doentes

Foi de novo operado à vista, em Coimbra, o nosso amigo Jorge Marques, que ante-ontem regressou daquela cidade.

Estimamos as suas melhoras.

—Teve alta do Hospital o comerciante Augusto de Pinho Varela, que se encontra em via de restabelecimento.

Pró Hospital

—o—

Nesta quadra do ano houve quem se não esquecesse da Santa Casa da Misericórdia, que continua a registar grande movimento de doentes, sendo dignos dos maiores louvores a sr.ª D. Laura Esteves, esposa do sr. Alfredo Esteves, que ofereceu roupas para os internados pobres, no valor de 500$00; a sr.ª D. Palmira Catarino que fez entrega dum enxoval para criança, e um médico desta cidade que deu uma vitela.

Como todos sabem, estas instituições de benificencia lutam sempre com dificuldades, sendo justo, portanto, que os que podem deem para os que precisam, contribuindo de qualquer forma para minorar as dores alheias.

A Comissão Administrativa da Santa Casa, composta dos srs. dr. Fernando Moreira, Egas Salgueiro e Manuel Rodrigues Valente, que se tem esforçado por bem desempenhar a sua missão, em nome dos beneficiados, agradece reconhecida estes auxílios.

Condenação de um industrial moageiro

O tribunal de Mértola acaba de aplicar a multa de perto de 30 mil contos, com adicionais de 10 % de imposto de justiça e seis meses de prisão correccional, não remíveis, ao industrial de moagem de ramas, António Francisco Palma, arguido de ter sonegado ao manifesto e desencaminhado ilegalmente 1.787.000 quilos de trigo.

Ao que parece, foi a primeira vez que um tribunal português proferiu tão pesada condenação contra um elemento do *mercado negro*.

JOSÉ MARTINHO DE OLIVEIRA

Agradecimento

A família do extinto, reconhecida, agradece às pessoas que se encorporaram no seu funeral e bem assim às que assistiram à missa que foi celebrada, segunda-feira, na igreja de S. Gonçalo em sufrágio de sua alma.

A todas manifesta a sua gratidão.

Aveiro, 22 de Dezembro de 1948

RITA DA CRUZ E SILVA

Agradecimento

Sua família vem por esta forma patentear o seu reconhecimento para com as pessoas que durante a doença que a vitimou se interessaram pelo estado da enferma e depois do desenlace a acompanharam à última morada.

Igualmente agradece às que de qualquer outra forma manifestaram o seu pesar.

Aveiro, 22 de Dezembro de 1948.

Pensão Aveirense, L.da

Assembleia Geral Extraordinária

São convocados os sócios da Pensão Aveirense, L.da, para uma assembleia geral extraordinária, a realizar na sua séde, à Rua Voluntários Guilherme Gomes Fernandes, em Aveiro, no próximo dia 20 de Janeiro, pelas 16 horas, com o seguinte objecto: deliberar sobre: *a)* conveniência ou inconveniência em consentir na gerência a sócia Maria da Conceição Silva e medidas a tomar no caso de se resolver pela não conveniência; *b)* alteração do pacto social quanto à forma de convocação das assembleias gerais; c) forma de administração e conveniência de arrendamento da exploração ou trespasse.

Não comparecendo o número suficiente de sócios, fica desde já designado o dia 30 do mesmo mês pela mesma hora.

Aveiro, 23 de Dezembro de 1948.

O gerente

MANUEL CARLOS ANASTÁCIO

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar á Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
5,55 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	9,19 (rápido) [1]
8,05 (tram.)	11,13 (tram.)
12,56 (rápido)	12,18 (correio)
13,06 (tram.)	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,50 (mixto)
20,39 (tram.)	Do Porto chegam tram. ás 19 03 e 21,07 que não seguem.
22,59 (rápido) [1]	

(1) Só se efectuam às terças, quintas-feiras e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	7,31
15,15	10,48
17,38	19,12
20	23

Era duma vez...

Quatrocentos anos antes de J. C., Hipocrates escreveu no seu *Corpus Hippocraticum* um tratado sobre uma epedemia singular e muito espalhada que devastou a Asia Menor e a Grécia. Sabemos, pelos sintomas daquela doença, que se tratava de uma espécie de influenza bastante perigosa.

A influenza reapareceu de vez enquando na história. Em 1387, um médico florentino descreveu uma epedemia de influenza e fez todo o seu possível, mas debalde, para achar um meio de a combater. Em 1527, essa doença misteriosa desencadeou-se em Londres e um embaixador estrangeiro escreveu, a seu respeito, que representava "o caminho mais rápido para ganhar o reino das sombras". Em 1580-1581, centenas de pessoas morreram por dia em Roma. Alguns anos mais tarde havia 90 mortes por dia em Praga e os médicos nada podiam. Em 1675, a Alemanha, a França e a Inglaterra foram acometidas. Em Nápoles, a doença apareceu em 1730 e espalhou-se com uma grandíssima rapidez na Sicilia, Espanha, Holanda e França.

Treze anos mais tarde, grassava ela em Milão e em Veneza e nesse mesmo ano já se falava de "gripe".

Desde então, a gripe voltou com regularidade, por vezes benigna, mas outras vezes também muito maligna.

A maior epedemia foi observada, com grande temor da humanidade, em 1918.

Durante 2000 anos a ciência médica procurou um meio de vencer essa doença até ao momento em que se descobriu o seu agente, um bacilo infinitamente pequeno, apenas visível ao microscópio.

Diversas publicações devidas a facultativos teem sido editadas e demonstram que a gripe, ou influenza, pode ser impedida pela quinina. Efectivamente, tomando-se todos os dias 20 a 30 centigramas de quinina, pode-se resistir à influenza e não mais se deixar vencer pela epedemia

NECROLOGIA

No Hospital finou-se, no último sábado, Conceição de Jesus Rodrigues, que foi a enterrar, com grande acompanhamento, no cemitério de Esgueira.

Contava 27 anos, apenas, era casada com Henrique Fernandes da Cunha, irmã dos srs. Francisco e Salvador Rodrigues, sargentos de Infantaria 10, tendo-a vitimado a febre tifoide.

Aos doridos as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: na *Preza*, Maria da Conceição Paiva, de 67 anos, casada com João Lopes de Paiva; em *S. Bernardo*, Violante Tomaz Vieira, viuva, de 68, e em *Verdemilho*, David Ascenço Branco, casado, de 66.

Correspondências

Costa do Valado, 23

Com a aproximação da festividade de S. Tomé, orago cá da terra, estão chegando alguns dos seus filhos ausentes para a ela assistirem no próximo domingo em que tem lugar. A época não é das melhores; mas porque a tradição a marca para agora devido à matança dos cevados, cujos pés constituem o principal rendimento do Santo, qualquer adiamento para mais tarde lhe daria prejuizo.

O pior é se chove.

—Efectuou-se ante ontem, na Oliveirinha, a feira dos 21 com fraca concorrência devido ao tempo invernoso.

Ainda assim passou alguma gente,

—Apezar da estrada ainda não estar concluida até Aveiro é já mais intenso o transito de carros por ela o que obriga os moradores a redobrarem de cautela, principalmente com as crianças.

—Como está para chegar o Natal, aproveitamos o ensejo para dirigir Boas-Festas aos nossos leitores e igualmente lhes desejarmos um feliz Ano Novo.

E porque é da prosperidade da lavoura que tudo depende, votos fazemos por que o tempo decorra propício à fartura, levando também a alegria à casa dos pobres.

C.

«O Democrata»
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.